



## A literatura, a crítica e o crítico: caminhos da leitura literária

Weslei Roberto Candido

Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. E-mail: weslei79@gmail.com

“A literatura é uma instituição social que utiliza, como meio de expressão específico, a linguagem – que é criação social” (Wellek & Warren, 1962, p. 117). Recordar esta definição é uma excelente maneira de começar as reflexões sobre o presente número da *Acta Scientiarum: Language and Culture*, volume 41, número 1, de 2019, uma vez que as publicações que compõem este volume versam sobre uma forma específica de arte, que é a literatura. A linguagem literária é essencialmente social e histórica. Portanto, os diversos artigos apontam para práticas sociais de épocas distintas e de realidades históricas diversas, sobre as quais se debruçaram pesquisadores em busca de uma (re)leitura do passado que possa contribuir para uma melhor compreensão do sistema literário vigente.

Embora não seja uma prática rotineira discutir a função social da literatura, é inegável que a arte literária, assim como outras artes, está situada historicamente dentro de um contexto. Ao discutir este aspecto da literatura de modo algum estamos negando o caráter estético das obras. É justamente a capacidade que o fazer literário tem de representar com signos uma determinada realidade, que nos permite, a partir da estrutura literária, questionar o elemento social de que ela é portadora.

Os problemas de extração social, que suscita a arte literária, de modo algum podem ser tomados como objeto de estudo alheio ao próprio fazer da literatura. Portanto, a universalização de um romance ou de um poema acontece pelo trabalho estético com a linguagem, que permite ao homem/leitor se reconhecer no texto, independente do contexto social/histórico em que a obra esteja inserida.

Pela obra de arte é possível alcançar um conhecimento do tempo histórico de sua publicação, do autor, enquanto pessoa social, da psicologia de uma época. Tudo depende da abordagem que tenha sido levada a cabo pelo crítico, que no caso, do tempo presente, confunde-se com a própria profissão de docente universitário de literatura, que ainda encontra em periódicos especializados, como este, o espaço para questionamento da arte literária e suas relações com a realidade à qual ela associa.

Os artigos *O ato de vestir-se como um marcador de construção de identidade na literatura das mulheres árabes da diáspora* e *‘Panela velha é que faz comida boa’: tópica e inversão de tópica na poesia lírica grega* são exemplos de estudos sociais e estéticos que podem ser realizados por meio da literatura. O primeiro tem por escopo discutir a questão do vestuário em determinados romances da diáspora e o segundo pensa a tópica da poesia grega, atualizando seus temas por meio de um provérbio popular conhecido por todos os leitores brasileiros. Neste caso, os limites entre o erudito e o popular se mesclam, atualizando o trabalho de crítica literária, que passa a transitar entre níveis diferentes da cultura, exigindo do intérprete um esforço de compreensão que vai além do material puramente estético e supostamente elevado.

A escolha por determinados textos literários implica uma questão que, direta ou indiretamente, remete ao valor da obra literária, seja ele atribuído pelo traço cultural, estético ou social. “Les valeurs qui affleurent dans le texte ne fonctionnent pas en système clos. Si le texte propose sa propre vision du bien et du mal, il le fait en jouant sur représentations qui existent hors de lui et indépendamment de lui[...]” (Jouve, 2014, p.15). Esses valores estéticos estão ligados a aspectos sociais que, aparentemente invisíveis, constituem a matéria-prima da representação na obra literária.

Literatura e sociedade possuem pontos de convergência onde a arte se expressa, não como representação íntegra da realidade, mas como uma leitura específica que o autor realiza sobre um determinado elemento social. Seria falso afirmar que o autor tem uma visão total da sociedade em que vive, antes, apresenta ao leitor uma representação da realidade mediada pela linguagem. De acordo com Candido: “[...] no terreno da crítica literária somos levados a analisar a intimidade das obras, e o que interessa é averiguar que fatores atuam na organização interna, de maneira a constituir uma estrutura peculiar” (Candido, 1976, p. 5). Justamente essa “estrutura peculiar” que direcionará a leitura a pensar o social na obra de arte. A literatura

serve de ponto de partida para os estudos do seu contexto de produção, na medida em que ela mesma incorpora essa estrutura social à formatação interna do texto.

Por conseguinte, a representação literária de um determinado universo é marcada historicamente, tanto no âmbito do trabalho do autor, quanto no papel interpretativo e ativo de quem opera sobre o objeto artístico uma atividade de compreensão. A leitura e a *mimesis* são elementos históricos, na medida que ambos são alterados pelo tempo em que ocorrem. Disto isto, é necessário lembrar que há uma discrepância entre a representação e o ato de leitura, o que força o crítico a cobrir uma série de lacunas de ordem temporal, histórica e social para aproximar-se do sentido original de uma obra e suas possíveis atualizações no presente.

Portanto, ao nos dedicarmos à leitura de artigos científicos sobre a literatura, estamos dando oportunidade para que os críticos, também fazendo uso da linguagem, descortinem algumas questões que, em um primeiro momento, possam parecer obscuras ao leitor. Porém, “[...] o crítico não é aquele que, por força de uma instrumentação técnica, ‘mostra’ aos leigos o que eles por si não saberiam ver, senão aquele que usa de uma instrumentação, só às vezes técnica, para tornar visível, a presença de uma propriedade que, em tese, seria a todos acessível” (Costa Lima, 2014, p. 21). Este fazer do crítico auxilia o reconhecimento de elementos sociais e literários que sempre estiveram presente no texto interpretado. Assim, os artigos científicos estabelecem com o leitor um diálogo de concordâncias e discordâncias sobre as obras literárias, mas que sempre, ao crítico, se dá alguma razão, haja vista os elementos explicitados serem, a princípio, de acesso a todos os leitores.

Neste sentido, a *Acta Scientiarum: Language and Culture* torna-se um espaço de pluralidade de pensares sobre o fazer literário. Esta multidisciplinaridade da revista tem como ponto comum a linguagem que, de certo modo, é o ponto de partida de todos os textos aqui presentes. A linguagem no seu uso social, estético, literário, político etc., comporta diversos olhares sobre uma forma de arte que se vale da linguagem para constituir seu horizonte.

Exemplos dessa pluralidade são os artigos *A presença das obras de José de Alencar na França (1863-1907)*, *Um outro amor: uma leitura de Amor de Clarice, de Rui Torres* e *La poesía andina de Efraín Miranda, el referente amerindio y la tradición literaria peruana*, pois o único elemento que os une é a linguagem literária, seja a questão da tradução, seja da adaptação de um texto para outro suporte, que não o livro, ou a poesia ameríndia. Une-os, também, o fazer do crítico literário, que se esforça para transpor em linguagem acessível uma interpretação possível do material literário.

De acordo com Costa Lima (2014) o crítico conta apenas com um horizonte que é histórico. Este fator limita o trabalho da crítica literária a dois momentos: o do contexto histórico da produção da obra e o contexto do próprio crítico, muitas vezes, afastado por anos ou até mesmo séculos do objeto a que se dedica estudar. Toda leitura é marcada historicamente e o crítico somente pode ler a partir do contexto social, histórico e teórico ao qual pertence. Toda leitura apresenta essa limitação de visão, o que permite inúmeras interpretações do mesmo objeto literário.

Ao mesmo tempo, essa limitação, marcada pela opção teórica do crítico, é outro traço da amplitude que pode alcançar a presente revista, pois a confluência de diferentes ferramentas de leitura, advindas das mais diversas correntes da teoria da literatura, constroem em caleidoscópio um painel amplo do fazer literário. Os caminhos se bifurcam e os intérpretes são obrigados a fazer suas opções de leitura mais adequadas a cada *corpus* literário.

Destarte, a leitura deste volume da *Acta Scientiarum: Language and Culture* levará o leitor a se defrontar com diversos instrumentos teóricos interpretativos sobre a literatura. Essa pluralidade de formas de abordagens do texto literário conformam um conjunto de amplo espectro na maneira de apreender a literatura e suas variadas formas de expressão. Pelo viés da literatura comparada, o leitor encontrará o trabalho *O Bobo de Herculano e seus modelos Ivanhoé e Notre Dame de Paris: a versão portuguesa da formação da nação*; estudando a nação, mas pelo viés do humor temos o artigo *Antropofagia, sentimento íntimo e sincronicidade: uma possível introdução para a análise do humor na literatura brasileira*; por meio dos estudos sobre a tragédia, temos o artigo *A retórica do trágico em o remorso de baltazar serapião*; pela psicanálise, analisa-se o fantástico em *Fantástico e psicanálise: relações históricas e discursivas*; e, por fim, pelos estudos de gênero temos *Historia de una perdida y otros cuentos, de Cristina de la Concha: ética, gênero e sociedade*.

É válido ressaltar que, neste editorial, não fizemos uma apresentação tradicional dos artigos, por isso, eles não aparecem na ordem de publicação interna da revista, mas de acordo com as necessidades de

comentar determinados aspectos da análise literária, que é essa colcha de retalhos da crítica moderna. Ao mesmo tempo, esse caminho que trilhamos representa a pluralidade de instrumentos de análise que proliferam naquilo que convencionou-se chamar de pós-modernidade.

Por fim, podemos afirmar que o presente número da *Acta Scientiarum: Language and Culture* prioriza a linguagem como elemento social, do qual não pode estar desconectada a linguagem literária e suas especificidades. Assim, linguagem e cultura se entrelaçam em áreas específicas como a literatura e a crítica literária, ambas se valendo da linguagem para ler o mundo. E é, neste sentido, que convidamos os leitores a uma terceira leitura das análises que constituem esta publicação. Leitura, esta, que será, inevitavelmente, também mediada pela linguagem.

### Referências

Candido, A. (1976). *Literatura e sociedade* (5a ed.). São Paulo, SP: Companhia da Editora Nacional.

Costa Lima, L. (2014). *Mimesis – desafio ao pensamento* (2a ed.). Florianópolis, SC: UFSC.

Jouve, V. (2014). *Poétique des valeurs*. Paris, FR: Presses Universitaires de France.

Warren, A., & Wellek R. (1962). *Teoria da Literatura*. Lisboa, PT: Publicações Europa América.